

A visitação, uma saída urgente ao encontro com a vida

Extrato do Marco Teológico do Horizonte Inspirador da Vida Consagrada na América Latina e Caribe – 2015-2018

O Ícone da Visitação, marcado entre os ícones das anunciações e nascimentos de João e de Jesus, nos ajuda a ver Deus acontecendo na realidade concreta. Neste cenário encontramos as companheiras que creem e esperam nas promessas que Deus fez ao seu povo e às suas famílias, que vivem a cotidianidade do trabalho e do amor, da espera, da oração e da busca. Isabel e Zacarias – Maria e José se tornam para a VC modelos de quem sabe confiar, crer e esperar.

Na visitação, podemos tomar consciência de quem somos perante Deus e perante as pessoas que nos rodeiam. Uma VC servidora de Deus que procura cumprir sua missão, atenta e aberta ao querer de Deus, que somente deseja a salvação da humanidade inteira.

Uma chave de leitura deste Ícone são as expressões de Maria, Isabel e as anunciações de João e Jesus.

Com as expressões “chave” de Maria, que representa “o latente” da VC:

Deus sai ao encontro de nossa humanidade para “fazer sua obra”: “olhou para a humildade de sua seguidora... grandes obras fez em mim o Poderoso” (Lc 1,48-49).

- VC em saída missionária, a partir da “categoria teológica” dos pobres: “Derrubou do trono os poderosos e elevou os humildes” (Lc, 1,52).
- VC comprometida com a construção de uma nova forma de organizar as relações. “Aos famintos encheu de bens e aos ricos despediu-os de mãos vazias” (Lc, 1,53).
- VC memória viva da nova aliança com o Deus fiel, compassivo e misericordioso: “Acolheu a Israel, recordando-se de sua misericórdia, como o havia prometido a nossos pais, a Abraão e à sua descendência para sempre”.
- VC que reconhece sua responsabilidade ecológica intergeracional, promovendo decisões que levem em conta os descendentes, deixando-lhes uma terra mais vital da que recebemos: “desde agora me felicitam todas as gerações”.

A viagem é uma metáfora do caminho de fé. Caminhar é confiar na vontade de Deus, que nos permite tornarmo-nos próximas/os da humanidade que encontramos pelo caminho. Caminhar para a VC é: “sair depressa ao encontro da vida” que, igual a Maria, implica abrir-se ao mundo, à beleza de uma vida dinâmica e criativa que solicita abertura contínua. Pôr-se a caminho significa deixar-se tocar pela realidade do outro para buscar juntas/os o equilíbrio. Isto, sem dúvida, pede que se ponha em jogo toda a nossa vida, para fazer que brotem novas relações, construir novos significados e abrir-se a novos horizontes. Por isto, Maria é a mulher do primeiro passo, do movimento, do “saber estar”.

O encontro nos muda a vida. Deus visita Maria em forma inesperada, toma-a para si, habita-a, enche-a de alegria, dá-lhe um novo modo de ver a realidade, de pôr-se de maneira distinta frente à vida e à história. Este encontro com o Deus da vida é um encontro que gera mais encontros e impulsiona Maria a passar da intuição à ação, a viajar do eu ao tu. Ela é a eleita, não somente para que Deus pudesse encontrar-se com a nossa história pessoal, social e eclesial, mas também para fazer dela visita de Deus aos outros. Ela é a discípula audaz que tem pressa de ir ao encontro para ficar, para partilhar a vida, para servir. A estadia de três meses por parte de Maria na casa de Isabel mostra como as duas mulheres partilham uma só casa comum. Maria é hóspede em casa alheia, no entanto a faz sua, cuida dela. Isabel, por sua parte, abre suas portas com alegria para que sua parenta possa conviver com ela. Ambos comportamentos sugerem como devemos assumir e partilhar a terra com todos. “Se temos o genuíno desejo de escutar os outros, então aprenderemos a olhar o mundo com olhos distintos e apreciar a experiência humana tal como se manifesta nas distintas culturas e tradições” (papa Francisco).

O encontro com a/o outra/o nos permite revelar nossa identidade, reconhecer-nos e interpretar-nos na riqueza da diferença. Nesta conhecida cena da Visitação (Lc 1,39-56) nos encontramos não somente com o canto profético de Maria (o chamado Magnificat), mas também com a reunião de duas mulheres com grandiosas palavras em seus lábios. Palavras de ação de graças, profecia e louvor a Deus. É um encontro em que não há homens, senão Zacarias, porém ele se mantém mudo.

Neste silêncio ressoam as vozes femininas de Isabel e Maria. A cena se desenvolve em um ambiente doméstico, tradicionalmente feminino, onde as mulheres tomam a palavra, uma vez que encarnam e proclamam a misericórdia de Deus, e sobre elas se derrama o Espírito. Não é difícil perceber o valioso do encontro entre duas mulheres amigas e a presença de Deus no meio delas.

“Toda mulher necessita falar com outra que conhece o que significa vincular-se às intenções de Deus. Os ânimos que se dão mutuamente lhes permitem seguir adiante com mais confiança e alegria, apesar da luta que têm contudo pela frente”.

Aparece então com clareza “a capacidade das mulheres de interpretar a Palavra de Deus a outras mulheres”. Este aspecto é muito importante se levarmos em conta o que tem significado o fato de que durante séculos têm sido somente os homens os considerados capazes de interpretá-la. Hoje a interpretação da Palavra está se enriquecendo notavelmente. Foram aparecendo novas contribuições a partir da imaginação das mulheres que descobrem na Bíblia novos significados, que as ajudam a sustentar e dar maior fundamento à sua fé. Descobrem-se também mais esclarecidas do que parecia, e plenamente aptas para participar ativamente no plano de Deus.

A VC está convidada a entrar no diálogo com a cultura atual, para entender sua complexidade, seus sonhos, suas preocupações, suas expectativas, suas esperanças, e poder oferecer-lhe o Evangelho. Porém, também, a cantar a ação de Deus reconhecida ao longo das gerações, a pôr em jogo sua dimensão profética, a ser tecedora de relações e artífice de transformações em nível: pessoal, social, eclesial e ecológico, convidando a sonhar outra possível humanidade com um olhar esperançoso.

Com as expressões “chave” de Isabel, que representam “o patente” da VC:

- Uma VC impulsionada pelo Espírito: “Cheia do Espírito, exclamou em alta voz” (Lc 1,41).
- A VC, fonte de bênção: “Bendita és tu (Lc 1,42). Gratidão pelo caminho percorrido: “Ditosa é tu, que tens acreditado” (Lc 1,45).

A VC está grávida de alegria: “O menino saltou de alegria em meu ventre” (Lc 1,44). A exclamação de Isabel “em alta voz” manifesta um verdadeiro entusiasmo religioso, que a oração da Ave-Maria continua fazendo ressoar nos lábios dos que têm fé, como cântico de louvor da Igreja pelas maravilhas que realizou o Poderoso na Mãe de seu Filho. A grandeza e a alegria de Maria têm origem no fato de que ela é a que crê... Isabel, com sua exclamação cheia de admiração, nos convida a apreciar tudo o que a presença da Virgem traz como dom à vida de cada um que crê.

As palavras pronunciadas com grande surpresa por Isabel sob a ação do Espírito têm um valor universal para toda/o que crê. Ela proclama com voz profética uma dupla bênção, que põe Maria em relação com seu filho, porque Deus bendiz com a vida: “Bendita tu” e “Bendito o fruto do teu ventre”, e a exalta por sua fé: “Ditosa tu porque tens acreditado” em um Deus que faz história com os pequenos e porque tens renovado a relação de Deus com a história, por ser sinal tangível de sua presença na vida cotidiana e nos gestos mais comuns em que cada pessoa é uma bênção para a outra.

Isabel atribui à voz de Maria o “salto” do menino em seu ventre. A VC deve saltar de alegria por meio da voz de Maria, que nos conduz na presença do Messias. Assim, teologicamente, as religiosas e os religiosos se deixam santificar na presença de Cristo vivificador. “Na visitação, a Virgem leva à mãe de João Batista o Cristo, que derrama o Espírito Santo”. As palavras de Isabel expressam bem este papel de mediadora: “Porque, apenas chegou aos meus ouvidos a voz de tua saudação, saltou de alegria o menino em meu seio” (Lc 1,44). A intervenção de Maria, junto com o dom do Espírito Santo, produz como um prelúdio do Pentecostes, confirmando uma cooperação que, tendo começado com a Encarnação, está destinada a manifestar-se em toda a obra da salvação divina.

Maria e Isabel representam a tradição constante e viva enquanto anúncio profético da alegria, pela presença do Messias no meio de nós e pela presença de sua Mãe. Estas duas mulheres têm em comum a experiência da maternidade, o ventre fecundo é um sinal revelador da potência de Deus, que pode transformar o corpo e a vida de uma mulher estéril ou virgem e fazê-la fértil. Porque Deus vem como vida, Ele pode fazer possível um novo equilíbrio na história. Neste sentido, Isabel nos personifica a própria terra, feita baldia pelo maltrato humano. No entanto, leva dentro de si a promessa não somente de uma vida nova, mas uma vida sem precedente e quase inimaginável. Quando hoje se pensa que o dano ecológico já não pode nos dar esperança, mas uma ruína definitiva, a figura de Isabel nos interpela a buscar novas formas de fecundar uma vida inesperada. Estas duas mulheres têm também a experiência da solidão-cruz ao viver em si mesmas um mistério que as excede e que somente elas podem contê-lo até que chegue o dia do esclarecimento em que a solidão-cruz se tornará proximidade e alegria pascal.

Este Ícone reflete a capacidade feminina de ser gestadora de vida e reconhecer sua sacralidade, de dar espaço para o outro, de reconhecer o Kairos de Deus como um tempo para tecer afetos e “fazer possível” as relações humanas. É uma dinâmica vital que vai acompanhada da vida em plenitude pela presença de Deus, que permite reconhecer e celebrar os acontecimentos que Ele realiza na história da humanidade. Este cenário nos faz intuir o desafio do encontro da VC para narrar e proclamar juntas/os o passo de Deus no meio de nós e seu impulso para construir uma cultura do encontro.